

Carta ao autor de

A Tríade Disjuntiva: literatura, Antropologia e Educação¹

RAUL ITURRA

raulangeliturra@gmail.com

Professor Emérito do ISCTE-IUL, Lisboa

Meu muito querido discípulo e amigo, Luíz Manuel Teixeira Souta, nunca esquecerei esse dia, já faz “séculos”, em que entrou no meu gabinete, no antigo ISCTE, e me disse que queria fazer o doutoramento comigo, em Antropologia da Educação; que mais tarde definiria a pesquisa que a queria centrada no estudo da mente cultural das crianças, na sua interactividade com pais e professores em contextos históricos diversificados (culturais, económicos e sociais). Disse-me ainda que tinha trabalhado anteriormente com a Professora Teresa Ambrósio; disse-lhe eu por que não continuava com ela, respondeu-me ser ela boa no saber e na dinâmica da orientação, mas gostava da minha teoria sobre a educação, como o diz neste livro que agora comento, e porque havia mudado o seu campo de interesse para a análise de conteúdo das obras literárias, na perspectiva da Antropologia e da Pedagogia.

O seu saber sobre Antropologia da Educação manifesta-se na argumentação ao longo do presente texto, designadamente, na primeira parte “Literatura: o pão nosso de cada dia”; e aí, destaco o capítulo introdutório «O livro: do papel ao digital» porque me fez lembrar as palavras e os escritos do meu amigo, o catedrático Jack Goody, que me ensinou, em especial, no seu livro de 1986, *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*: é a acumulação do saber em textos que desenvolve o conhecimento que acaba por fazer crescer e melhorar a vida humana e o seu contexto. Confesso, meu caro Luíz (para mim com z não com s), que não sei se a ideia é do Jack ou do meu amigo, de longos anos, Paulo Freire (que as editoras dizem ter sido meu orientador de tese de doutoramento; não é assim, mas ajuda a vender a minha obra). Paulo Freire foi meu companheiro no ensino dos camponeses e trabalhadores do Chile onde fizemos alfabetização com a “literatura” criada pelos mesmos nas suas conversas e textos orais. Nem sei se a ideia da lógica da

¹ Lisboa: Edições Ex-Libris, 2025, 300 p.

escrita a aprendi na vida de trabalho de campo; fui sempre um estranho, até nas minhas pesquisas no Chile, como o Luíz em Portugal, seu país, onde o meu discípulo é antropólogo e estudioso da lógica do outro, como se comprova neste livro: o que o converte num estrangeiro na sua terra, porque critica o que há e oferece alternativas como Jack, Paulo, eu e... Foi daí que o Luíz aprendeu o valor da literatura, essa literatura que manipula o social dos que a lêem e dos que são educados pelos seus leitores. Eu diria, Luíz, que Jack Goody queria saber como a escrita ajudou a organizar a sociedade, a acumular experiência e que, uma vez lembrada, dá uma estrutura para progredir e reparar o que precisar de modificações. A experiência acumulada em memória é uma virtude social para avançar na história. O meu amigo, neste seu texto, vê essa estruturação e quer saber qual o antecedente escrito que permite esse facto de construção que estuda e o que nasce, qual o resultado dessa escrita no social; procura saber o antecedente escrito da escola, que saberes transfere e seus efeitos no social. A escola é o elo entre o entendimento da interacção e a aprendizagem dessa interacção. Quando, através da literatura, procura os antecedentes escritos da escola, analisa os comportamentos e práticas dos seus participantes, esses docentes e discentes (em língua vulgar, professores e seus alunos), nos seus diversificados contextos de trabalho. Salienta o diálogo entre eles e a mediação dos textos no decurso da aprendizagem; e o estudo dos mesmos revela esse conversar, base da reprodução do saber. Sem textos mediadores, o diálogo do aprendizado seria impossível, a escola não teria objetivos. Objetivos esses que são transferência e modificação do saber resultando em nova sabedoria. O professor é um adulto experiente, sabe o que quer, procura serenidade nessa conversa de anos (as do ensino obrigatório); um adulto que sabe o poder do ritual na história em conjunto com a transferência da teoria e do poder da autoridade que emana da sua posse teórica e da doçura com que a transmite, como mil vezes o discuti com o meu falecido amigo e colega Pierre Bourdieu e os nossos estudantes de pós-graduação. O poder simbólico do professor, esse que lhe permite ser ouvido, procede da verdade e da utilidade do seu discurso, mas também da forma como ele é proferido, com mais ou menos formalismo e elegância. O estudante é um ser novo, experiente só em ver, ouvir e calar, entender o discurso que deve memorizar e reproduzir, um conteúdo a debitar (ideias críticas das ciências que estuda), com critério e análise racional. O estudante é o sujeito do saber de quem ensina. Ai de quem inova na teoria ensinada: não sabe, diz o mestre, chumba! Neste livro, que o meu sempre estudante Luíz me dedica, a escola é fruto do saber que há na literatura e nas ciências usadas na descoberta, transmissão e fixação do saber. E o que leio no seu novo livro, caro amigo, é a análise que faz da 'educação na

escola' que contrasta com a análise 'educativa no lar'. Esta última não se refere aos que, mais recentemente, se têm apresentado no domicílio, como instrutores privados, em tutoriais disponíveis online de um ensino autorizado por lei e orientado pelo formador em linha com o critério do aprendiz e com avaliação fixada no programa; o que o Luíz salientou, adequadamente, é o de uma escrita pública, prévia às aulas online. Esses desenhos de grande talento e cores adequadas (murais e *graffiti* de 16 *street artists*, nacionais e internacionais, em “diálogo” com 23 escritores portugueses e 13 estrangeiros que incluiu nos 30 textos de “*Graffitar a Literatura*”, a segunda parte do seu livro), querem informar e perpetuar na «mente cultural», como eu há anos denomino o saber adquirido na vida interactiva resultado da história duma sociedade. Se o livro trata de tudo o que até agora tenho referido, trata mais profundamente de como a ciência social, especialmente a nossa Antropologia e as Ciências da Educação, por uma parte, estudam o ensino, a escola e os seus actores, por outra, criam um entramado de teoria do que deve ser ensinado, o que é omitido e o que deve ser melhorado para que a educação contribua para a progressão da vida social, ambas civil, de iniciados ou de cientistas. O Luíz faz uma avaliação dos autores que permitem progredir nas ciências que colaboram na aprendizagem e os que analisam o resultado da construção social da perpetuação do saber e da sua fabricação. Bem como estuda os métodos usados pelos investigadores, onde, como bom profissional que é – antropólogo e professor –, sem o dizer abertamente, opta por comentar como a observação participante e o trabalho de campo são a melhor forma de colaborar nos processos educativos, com a formação da mente cultural nas novas camadas sociais. Quais as melhores maneiras de ensinar? Ser docente de crianças é um trabalhoso ofício, nem todos têm essa habilidade; é mais importante que ensinar ciência pura a mentes já letradas. É entregar o delicado trabalho de formar pensamento e escola para a criação de seres humanos, com saberes, capacidades e ética reprodutiva. Ensinar adultos é inserir novas alternativas numa mente já formada. Ensinar crianças é desbravar uma mente que depende do lar e de a introduzir na vida dos outros, essas tão bem denominadas sociedades com história porque têm escrita.

Tudo isto pensei, querido amigo e discípulo Luíz, ao ler o seu maravilhoso livro sobre *a tríade disjuntiva* que, nas suas palavras, «centra-se na Literatura e nas suas relações (ténues) com a Antropologia e (dúbias) com a Educação». Essa Literatura que informa, essa Antropologia que pesquisa para informar e essa Educação que prolonga o saber da vida no tempo histórico.

Deu-me prazer pensar em tudo isso, e deixe-me que outros também usufruam desse prazer. Que vejam a realidade que, de forma didáctica e descarnada, esgrime nas 300 páginas do livro que teve a excelente ideia de intitular *A Tríade Disjuntiva: Literatura, Antropologia e Educação*, um título brilhante, como eu gosto e lhe disse um dia “meu caro, todo título deve ser a hipótese do conteúdo do livro”, como meu discípulo sempre fez... O poeta José Guardado Moreira, seu prefaciador, sintetizou bem: «este livro condensa de forma exemplar muitas das suas preocupações com a antropologia da vida, escolar e literária (...) tudo envolto na experiência do ensino e da leitura de tantos autores [contei 280] que por aqui passeiam».

As Edições Ex-Libris devem estar felizes por disseminar no mundo das letras portuguesas a hipótese que serve para ensinar as três ciências que usa para entender a forma de aprender e ensinar. Sejamos muitos a beneficiar desse saber que nos dá no livro que, com imenso respeito e prazer, aqui comentei e, em especial, para si.

Professor Doutor **Raul Iturra**, Catedrático Emérito do ISCTE-IUL, Lisboa.

Barra Mansa, Março 2026.

Nota Curricular:

RAUL ITURRA nasceu em Valparaíso (Chile), em 1941. Aprendeu as primeiras letras com uma professora particular. Completou a instrução no Colégio Particular Academia de Humanidades dos Dominicanos (Santiago); estudou e ensinou Direito na Universidade Católica de Valparaíso. Fez Mestrado em Antropologia Social e Educação na Universidade de Edimburgo (Escócia) e doutoramento na Universidade de Cambridge (Inglaterra). Publicou 120 obras em diferentes línguas. No ISCTE, criou o Departamento de Antropologia Social; aí foi Catedrático com Agregação e é hoje Professor Emérito.

Luís Souta

A
Triade
Disjuntiva

Literatura, Antropologia e Educação



Edições **exlibris**